

A ANÁLISE LINGUÍSTICA NO ENSINO MÉDIO: UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA DOS PROFESSORES

The Linguistic Analysis In High School: A Look At Teachers' Practice

SHAMARA ANGELICA CASSIANO DA PAZ

Resumo

Esta pesquisa se propõe a analisar as relações entre as concepções de língua (gem) dos professores do Ensino Médio e a sua prática com a Análise Linguística. Para atingir tal objetivo, buscou-se identificar as concepções de língua, linguagem e gramática do professor, bem como investigar a sua prática de ensino. A pesquisa trata-se de um estudo de caso com visitas às escolas e entrevistas semiestruturadas. Procurou-se conhecer a prática de duas professoras do 3º ano do Ensino Médio, na cidade de Glória do Goitá/PE. Esta pesquisa está fundamentada em estudiosos como Geraldi (2003), Antunes (2014), Travaglia (2009), entre outros que fornecem embasamento para entendermos a inter-relação entre a Gramática Normativa e a Análise. Como resultado, constatou-se que apesar da Análise Linguística está sendo estudada desde a década de 1980, ainda vem procurando espaço nas aulas de Língua Portuguesa. Uma das docentes busca desenvolver a competência comunicativa dos alunos; ela tem uma concepção de língua (gem) como interação. A outra professora busca desenvolver a competência gramatical dos alunos por meio das regras gramaticais. Enfim, muitos professores precisam conhecer mais de perto o termo Análise Linguística. Por isso, é importante que se invista em formações para que os docentes minimizem suas inquietações.

Palavras-chave: Gramática, Análise Linguística, Concepções de Linguagem.

Abstract

This research to offer to analyze the relationships between conceptions of tongue and language of high school teachers and their practice with linguistic analysis. For reach this objective, it was sought identify the conceptions of tongue, language and grammar of the teacher, and investigate his teaching practice. The research is a case study with visits to schools and semi-structured interviews. It was sought to know the practice of two teachers of the third year of high school, in the city of Glória do Goitá/PE. This research is based on scholars such as Geraldi (2003), Antunes (2014), Travaglia (2009), among others, who provide a basis for understanding the interrelationship between normative grammar and linguistic analysis. As a result, it was found that although the linguistic analysis has been studied since the 1980s, it is still looking for space in the Portuguese language classes. One of the teachers seeks to develop students' communicative competence; It has a conception of language as interaction. The other teacher seeks to develop students' grammatical competence through grammatical rules. In short, many teachers need to know more closely the term Linguistic Analysis. Therefore, it is important that you invest in training so that teachers can minimize their concerns.

Keywords: Grammar, Linguistic Analysis, Conceptions of Language.

Introdução

Este estudo sobre a Análise Linguística (AL) no Ensino Médio está inserido no âmbito das discussões sobre a prática da linguagem no campo de ensino. Para tanto, é importante definirmos o termo “Análise Linguística”, o que nos remete aos estudos de João Wanderley Geraldi, afinal, foi este teórico que o usou pela primeira vez na década de 1980, por meio de sua obra “O texto na sala de aula”. De acordo com Geraldi (2003) a Análise Linguística é vista como uma produção discursiva, entrelaçada aos eixos de leitura e produção de texto (oral e escrito), que busca analisar e refletir sobre a língua em seus diversos usos.

Diante disso, vários questionamentos foram surgindo, entre eles: Como é a prática pedagógica dos professores de Língua Portuguesa? Será que os professores relacionam os conceitos de Gramática para melhorar a sua prática? Qual é a concepção que os professores têm sobre língua, linguagem e gramática? Como o professor trabalha com a Análise Linguística na sala de aula?

O interesse em estudar essa temática partiu dessas inquietações enquanto estudante de Letras-Língua Portuguesa e enquanto Professora de Educação Básica da Rede Pública.

É de muita importância que o professor tenha uma concepção de Linguagem e de Gramática, como afirma Travaglia (2009, p.10): “Não há bom ensino sem o conhecimento profundo do objeto de ensino e dos elementos que dão forma ao que realizamos na sala de aula em função de muitas opções que fazemos e não fazemos”.

Por isso, é importante que o professor reveja suas concepções, se autocritique, pois como corrobora Freire (1996, p.39): “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Portanto, este estudo é de grande relevância social, bem como, acadêmica. Os discentes e professores atuantes de Língua Portuguesa poderão refletir sobre o ensino e a prática pedagógica e adotar práticas inovadoras de Análise Linguística.

Dessa maneira, os alunos da Educação Básica terão suportes para avançar enquanto estudantes e cidadãos críticos na sociedade, pois eles terão a oportunidade de desenvolverem a competência comunicativa por meio da leitura, escrita e oralidade.

Diante do exposto acima, esta pesquisa traçou como objetivo geral analisar as relações existentes entre as concepções de língua (gem) dos professores do Ensino Médio e a sua prática com a Análise Linguística.

Pesquisas realizadas por Bastos (2009) e Duarte (2014) revelam que ainda há a presença do ensino tradicional no ensino da Língua Portuguesa e que as mudanças estão acontecendo paulatinamente.

Muitas mudanças ocorrerão nas aulas de Língua Portuguesa, se a funcionalidade da língua ganhar espaço na escola. É preciso que haja a aceitação da língua como interação social, assim, como afirma Antunes (2007) acarretará visíveis mudanças e melhorias tanto para alunos, quanto para estudantes.

Referencial Teórico

Para o desenvolvimento deste trabalho é de suma importância a discussão sobre os conceitos de língua e linguagem. Assim, é possível relacionar tais conceitos com a prática pedagógica dos professores nas aulas de Língua Portuguesa. O professor deve ter consciência de que há vários caminhos que podem ser trilhados, portanto, ele precisa realizar a escolha mais pertinente que irá ajudá-lo nas aulas de Português.

Travaglia (2009) aborda três concepções de linguagem e é de fundamental importância que os professores conheçam essas concepções, para que revejam sua prática, realizando uma autocrítica, afinal um bom professor nunca está “pronto e acabado”, como corrobora Freire (1996, p.39): “Quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar”.

A primeira concepção é a linguagem como expressão do pensamento. O sujeito ao expressar seu pensamento não se importa com o outro, nem com o contexto social. O importante é apenas representar determinado conhecimento que foi construído no interior da sua mente. Assim, o sujeito quando não se expressa bem é visto como alguém que não pensa.

Diante disso, pode-se refletir que há uma minimização das pessoas, afinal, nem todas tiveram a mesma oportunidade de terem acesso à educação formal e aprender as normas cultas. A língua nesse sentido é considerada um produto pronto e acabado, onde há somente uma forma “correta” de se expressar; as outras são “erradas”, e quem não se enquadra é porque não pensa.

A segunda concepção está ligada à linguagem como instrumento de comunicação. Dessa maneira, o objetivo é transmitir determinada mensagem a outra pessoa, que a recebe, decodificando-a. Isso é possível por meio de um conjunto de signos. Nesta concepção há somente a preocupação em transmitir uma mensagem.

Nota-se que a comunicação só acontece quando, tanto o emissor como o receptor, domina o código. O receptor é um sujeito passivo, recebendo a mensagem exatamente como estava na mente do emissor. Não há uma interação entre os sujeitos e nem se leva em consideração o contexto no qual se insere a mensagem.

A terceira concepção vê a linguagem como forma ou processo de interação. Assim, o sujeito não realiza ações individuais, não busca somente expressar um pensamento ou transmitir informação, mas sim, interagir com o outro, criando, recriando uma comunicação a partir de uma situação, considerando o contexto no qual estão inseridos.

Nesta concepção acontece o diálogo de fato; há uma interação verbal, há uma comunicação efetiva. Para corroborar com esta última concepção, Geraldi (1996) citado em Camillo (2007, p.2) afirma:

Mais do que ver a linguagem como uma capacidade humana de construir sistemas simbólicos, concebe-se a linguagem como uma atividade constitutiva, cujo lócus de realização é a interação verbal. Nesta, relacionam-se um eu e um tu e na relação constroem os próprios instrumentos (a língua) que lhes permitem a intercompreensão. (1996, p. 67)

É perceptível que essa terceira concepção de linguagem envolve os sujeitos, o discurso, as relações de sentidos, o contexto, na centralidade da reflexão. Os sujeitos não são meros indivíduos, eles ocupam lugares sociais, possuem histórias.

No que diz respeito à definição de língua, esta pode abranger diferentes significados, a depender da teoria de determinadas correntes/estudiosos. Ao discutir-se o conceito de língua, vale destacar a definição de Geraldi (2003, p.78): “Língua, para mim, é o produto de um trabalho social e histórico de uma comunidade. [...] É o produto de um trabalho do qual ela mesma é instrumento”.

Assim, pode-se afirmar que a língua não é um sistema abstrato, muito pelo contrário, é um sistema concreto e depende das pessoas para criar forma, e ter um significado. Como ressalta Antunes (2009, p. 35): “As línguas estão a serviço das pessoas, de seus propósitos interativos reais, os mais diversificados, conforme as configurações contextuais, conforme os eventos e os estados em que os interlocutores se encontram”. Nota-se que há um objetivo, a língua não existe sem uma finalidade. As pessoas usam a língua para praticar determinadas ações, para repensar tais ações, criando e recriando. De acordo com Antunes há um grande equívoco de alguns sujeitos ao afirmarem que língua e gramática são a mesma coisa. Para a autora, a língua é formada por quatro componentes.

A língua apresenta um léxico e uma gramática, porém, Antunes (2007) ressalta que uma língua é mais que um sistema, deve-se levar em consideração, também, o seu uso. Assim, deve-se considerar a língua em ação e incluem-se mais dois componentes, são eles: a composição de textos e uma situação de interação.

Logo, a Gramática é apenas um componente da Língua e não pode ser definida como sendo a própria língua.

Debruçando-se sobre essas concepções, um olhar de integração social é direcionado à língua, logo percebe-se que ela diz muito sobre a história do ser humano e é por meio dela que se tem a capacidade de interagir socialmente.

Assim, a língua não envolve somente as regras de uma gramática, mas sim, questões histórico-sociais. Deve-se ter a preocupação de não minimizar a língua com questões de “certo” e “errado”. A língua, por si só, não tem existência. Ela precisa dos sujeitos, e estes, são pessoas de diversas regiões; cada uma com seus costumes, suas histórias, seu modo de ver e pensar o mundo. Essas pessoas criam e recriam situações de interação social.

Por isso, é importante que os professores de Língua Portuguesa repensem suas concepções e suas práticas pedagógicas.

Continuando a discussão sobre as concepções de língua, linguagem e sociedade, vale a pena destacar que elas estão interligadas e são indissociáveis. Como destaca Bagno (2014, p.16): “Se a língua está dentro de nós e se a língua é o ambiente social em que circulamos, não pode haver separação entre a linguagem e seu uso, entre quem fala e onde fala”. Dessa maneira, a língua é o contexto onde são criadas e recriadas relações de interação.

Outro ponto de grande importância, é que os professores busquem conhecer as definições de Gramática para que venham melhorar a sua prática em sala de aula. Quando se fala em Gramática, normalmente pensa-se que há somente uma definição para tal termo. Porém, de acordo com Travaglia (2009) existem alguns diferentes sentidos para a Gramática. A partir desta realidade surgem algumas reflexões: Será que os professores conhecem essas concepções? Quais concepções eles usam em sua prática?

Por isso, o professor deve estar atento aos vários caminhos que poderá traçar em sua prática pedagógica. De acordo com Travaglia (2009) há basicamente três tipos de gramática, são elas: a gramática normativa, a gramática descritiva e a gramática internalizada.

A primeira concepção de Gramática diz respeito à Gramática Normativa (GN), ou seja, envolve as regras e normas para se falar e escrever “corretamente”. Durante muito tempo essa concepção prevaleceu, e essa gramática era restrita a uma pequena parte da sociedade. Muitos professores ao se referirem à Gramática, quase sempre relacionam à Gramática Normativa.

Dessa maneira, não há valorização da variação linguística. A única variação aceita é a da norma padrão. Logo, como as outras variedades não seguem a norma culta, são consideradas erradas e não são levadas em consideração.

A segunda concepção diz respeito à gramática descritiva, por sua vez, diz respeito a um conjunto de regras que são seguidas pelos falantes de forma real em seus enunciados. Essa concepção defende que todos sabem falar, e que a fala segue determinadas regras que são legítimas entre os usuários. Ela não está preocupada com a definição isolada das classes gramaticais, mas está preocupada com a sua função, com a construção da oração, etc. A gramática nesta linha, diz respeito às regras de funcionamento da língua em todas as variedades e não somente na norma culta. Esta gramática também estuda a forma oral da variedade linguística e não somente a escrita, como faz a normativa. Ela não determina o que é certo e o que é errado, mas estuda as diferentes formas de expressão das comunidades, preocupando-se com os falantes em ação.

A terceira e última concepção abordada neste trabalho é a gramática internalizada. Essa gramática também é um conjunto de regras, mas as regras que o falante tem de sua língua e não as regras da norma culta.

Assim, mesmo que a pessoa não tenha acesso à escola, mesmo que seus conhecimentos não sejam sistematizados, ela tem conhecimentos linguísticos que permitem a comunicação, interação, criação e recriação de sentidos.

Portanto, a língua aprendida na escola deve ter um real significado na vida dos alunos, caso contrário, não terá validade. O aluno precisa ter a oportunidade de desenvolver sua competência comunicativa, para, então, fazer uso da língua nas diferentes oportunidades de comunicação em seu dia a dia.

A concepção de Língua, Linguagem e Gramática de determinado professor possui, mesmo que inconsciente influencia sobre a sua prática pedagógica.

Para cada concepção de linguagem/gramática há uma postura do professor de Língua Portuguesa. A concepção de linguagem que se importa apenas com a expressão do pensamento está aliada à GN. Logo, o ensino será pautado de maneira tradicional. Esse ensino preocupa-se apenas em transmitir conhecimentos prontos e acabados, como nomenclaturas e regras da GN. Por vezes, a aula de Língua Portuguesa confunde-se com aula de Gramática. De maneira equivocada, muitos professores acreditam que para seus alunos se desenvolverem na leitura e na escrita é preciso apenas saber gramática, no sentido de dominar as regras da norma culta.

Pensar que somente a norma culta segue determinadas regras é um grande equívoco. Antes dos alunos frequentarem uma instituição escolar já realizam atos linguísticos, já se comunicam, já usam uma “gramática”, mesmo que eles não tenham consciência desse fato.

Eles têm uma história, um contexto no qual estão inseridos; esses fatores independem da escola.

Assim, o professor deve levar em consideração todos esses aspectos históricos e sociais dos alunos. É pertinente apresentar o significado de educação, segundo Brandão:

“Não há uma forma única de educação nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante”. (2007, p.9)

Nesta linha de raciocínio, quando o aluno é inserido no grupo social escolar, ele chega carregado de conhecimentos assistemáticos produzidos na instância privada (sua casa, sua família).

Desta maneira, compreende-se que nesta instância são criados diversos sentidos pelos sujeitos, há comunicação e interação. Diante disso, questiona-se: Será que quando o aluno adentra na escola ele se depara com um professor que vai lhe apresentar a língua materna como regras a serem cumpridas, determinando “o certo ou o errado” ou encontrará um professor que propicie inter-relações entre essas duas instâncias?

A Análise Linguística, por sua vez, vai além da GN. De acordo com Geraldi (2003) a AL é vista como uma produção discursiva, entrelaçada aos eixos de leitura e produção de texto (oral e escrita), que busca analisar e refletir sobre a língua em seus diversos usos. Nesta linha de pensamento, Mendonça corrobora: “O termo Análise Linguística surgiu para denominar uma nova perspectiva de reflexão sobre o sistema linguístico e sobre os usos da língua, com vistas ao tratamento escolar de fenômenos gramaticais, textuais e discursivos”. (2006, p.205)

Por outro lado, vale a pena ressaltar: a AL não extingue a GN da escola. Não basta apresentar regras, mas é necessário que se explique se elas estão relacionadas à escrita, oralidade, a que gênero diz respeito. É preciso, ainda, levar os alunos a refletirem sobre as regras das “gramáticas”, no sentido de como fazer uso da língua em diversos gêneros, tanto orais, quanto escritos.

Assim, este fato deve ser levado em consideração, visto que não se pode fugir dessa realidade. Todas essas variedades possuem suas regras e são vivenciadas/ usadas no dia a dia por seus falantes. A escola não pode menosprezar as variedades da língua, considerando somente a variedade da norma culta, pois assim estará, concomitantemente, menosprezando os falantes dessas variedades, sujeitos, inclusive, alunos.

Logo, a AL adentra no universo dos alunos, permitindo que aspectos da instância privada sejam valorizados e “aproveitados” na instância pública. Uma vez que os alunos têm a oportunidade de estarem inseridos em seu contexto, fica mais fácil adquirir novos conhecimentos, como as regras da gramática normativa, de uma forma eficaz.

Dessa maneira, o professor ao trabalhar com a AL na sala de aula, ajudará o aluno a compreender o texto oral e escrito, além de escrever seus próprios textos de acordo com as regras de determinado gênero, sempre refletindo sobre o texto no contexto.

Ao analisar os textos já prontos, os professores levam os alunos a perceberem os sentidos existentes em determinados gêneros, observam os elementos do texto, o porquê do uso de algumas palavras, etc. No contato com diferentes textos, os alunos vão aprender não só a interpretá-los, como perceber o momento propício para utilizar, por exemplo, letras maiúsculas, a ortografia, concordância e outros aspectos gramaticais, de uma forma natural.

No que diz respeito à análise dos textos dos alunos. Eles não vão somente produzir e depois “esquecer” os textos, pelo contrário, os textos serão trabalhados minuciosamente durante as aulas. É neste ponto que Geraldi (2003) afirma que para o ensino da gramática ter sentido, acontecerá na medida em que ajuda o aluno, partindo do texto dele. O aluno deve deixar de ser apenas leitor, mas também deve ser um sujeito que também produz conhecimentos; assim, eles estão reforçando a sua prática social, afinal eles já produzem textos diariamente fora da escola. O professor deve ter em mente que não basta que o aluno escreva, mas deve orientá-lo quanto à escrita.

A reescrita é de grande importância para o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos. Assim, deve ser uma atividade frequente na sala de aula. Pode ser feita, inclusive,

aproveitando o texto de um único aluno para a toda turma; outra maneira é a reescrita em duplas, etc.

Estudar a norma culta não deixa de ser importante, afinal os alunos precisarão ser conhecedores dessa variedade linguística, pois precisarão delas em determinados momentos. Porém, não é o ponto principal das aulas de Língua Portuguesa.

Assim, é importante que os alunos aprendam esses aspectos, porém, o que está em questão é que eles devem ser trabalhados após o domínio das atividades epilinguísticas que buscam as reflexões que o sujeito realiza sobre as produções linguísticas.

De acordo com os estudos de Mendonça (2006), vale a pena apresentar o quadro comparativo entre o ensino da gramática e a prática de análise linguística apresentada pela autora:

ENSINO DA GRAMÁTICA	PRÁTICA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA
Concepção de língua como sistema, estrutura, inflexível e invariável.	Concepção de língua como ação interlocutiva situada, sujeita às interferências dos falantes.
Fragmentação entre os eixos de ensino: as aulas de gramática não se relacionam necessariamente com as de leitura e de produção textual.	Integração entre os eixos de ensino: a AL é ferramenta para a leitura e a produção de textos.
Metodologia transmissiva, baseada na exposição dedutiva (do geral para o particular, isto é, das regras para o exemplo) + treinamento.	Metodologia reflexiva, baseada na indução (observação dos casos particulares para a conclusão das regularidades/regras).
Privilegio das habilidades metalinguísticas.	Trabalho paralelo com habilidades metalinguísticas e epilinguísticas.
Ênfase nos conteúdos gramaticais como objetos de ensino, abordados isoladamente e em sequência mais ou menos fixa.	Ênfase nos usos como objetos de ensino (habilidades de leitura e escrita), que remetem a vários outros objetos de ensino (estruturais, textuais, discursivos, normativos), apresentados e retomados sempre que necessário.
Centralidade de norma-padrão.	Centralidade dos efeitos de sentido.
Ausência de relação com as especificidades dos gêneros, uma vez que a análise é mais de cunho estrutural e, quando normativa, desconsidera o funcionamento desses gêneros nos contextos de interação verbal.	Fusão com o trabalho com os gêneros, na medida em que contempla justamente a intersecção das condições de produção dos textos e as escolhas linguísticas.
Unidades privilegiadas: a palavra, a frase e o período.	Unidade privilegiada: o texto.
Preferência pelos exercícios estruturais, de identificação e classificações de unidades/funções morfossintáticas e correção.	Preferência por questões abertas e atividades de pesquisa, que exigem comparação e reflexão sobre adequação e efeitos de sentido.

Quadro1. Diferenças entre ensino de Gramática e Análise Linguística. Fonte: Mendonça (2006, p.209)

De acordo com o exposto quadro 1, nota-se que são muitas as diferenças entre a GN e AL. A escolha por uma prática ou outra está relacionada à concepção que se tem de linguagem. Quando o professor está arraigado em práticas tradicionais, as suas ações partem do ensino da GN. Já os professores com uma concepção de linguagem como interação, buscam renovar sua prática dia após dia. Realizam atividades de reflexões sobre a língua e não atividades para “falar sobre a língua”. Assim, há momentos que a GN irá ser inserida, porém ela não é mais o centro das aulas de Língua Portuguesa.

Metodologia

A pesquisa foi realizada em caráter qualitativo. O estudo direcionou-se a esta abordagem qualitativa para se ter a oportunidade de conhecer as ideias dos sujeitos de uma forma mais

profunda e subjetiva. Além disso, não é objetivo desta pesquisa levantar dados estatísticos, nem há a preocupação com representatividade numérica.

Por outro lado, houve uma interação, interpretação e construção de sentidos entre os sujeitos envolvidos na pesquisa. De acordo com Goldenberg (1999) na pesquisa qualitativa não há a preocupação com números/quantidade, mas busca-se compreender a realidade de determinado grupo social.

Neste sentido, esta pesquisa qualitativa enquadra-se num estudo de caso. Optou-se por esse procedimento porque o estudo de caso é uma oportunidade de conhecer determinada situação com mais profundidade, além disso, está aplicado a situações que envolvem pessoas e contextos da realidade. Segundo Dooley apud Meirinhos e Osório (2010, p.4):

Investigadores de várias disciplinas usam o método de investigação do estudo de caso para desenvolver teoria, para produzir nova teoria, para contestar ou desafiar teoria, para explicar uma situação, para estabelecer uma base de aplicação de soluções para situações, para explorar, ou para descrever um objeto ou fenômeno.

A pesquisa foi realizada por meio de visitas às escolas, onde foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, pois este tipo de entrevista permite uma maior interação entre o pesquisador e o entrevistado.

Vasconcelos (2014), afirma: “A entrevista semiestruturada possibilita que o entrevistador conduza o processo como ‘relativa liberdade’ inserindo, quando necessário, novas e relevantes questões não contempladas no roteiro original”. Assim, há a oportunidade de conhecer a realidade de uma forma mais profunda e subjetiva. De acordo com Gil (1999) o pesquisador permite que o entrevistado fique à vontade para falar sobre o tema, porém o entrevistador é um mediador que conduz o diálogo a fim de que não haja desvio do assunto.

Antes da aplicação da entrevista foram apresentados os objetivos da pesquisa e foram gravados áudios, com a permissão dos entrevistados. A entrevista semiestruturada permite respostas imediatas, dando mais veracidade às informações.

Escolheu-se a Rede Estadual, pois no município de realização da pesquisa, Glória do Goitá, há somente duas escolas estaduais. Além disso, o Estado de Pernambuco disponibiliza documentos oficiais que orientam/norteiam a prática pedagógica dos professores. Assim, a pesquisa foi realizada nas duas escolas estaduais do município, com uma amostra de dois sujeitos, professoras do 3º ano do Ensino Médio. Primeiramente, foi solicitada aos gestores a permissão para a execução da pesquisa, e em seguida foi solicitada a permissão às professoras que aceitaram. As escolas serão nomeadas de “Escola 1” e “Escola 2”.

A professora 1 (P1) é formada em Letras pela FAINTIVSA- Faculdades Integradas de Vitória de Santo Antão. Ela fez o curso de Magistério em uma escola particular do município, concluindo no ano de 1982 e desde então iniciou sua carreira como professora. Porém, ela ensinava Matemática, passando 10 anos ensinando essa matéria. Depois, ela ingressou no curso de Letras e se especializou em Literatura Brasileira na mesma instituição. Ele realizou o concurso do Estado de Pernambuco e começou a trabalhar na escola 1 no ano de 1992. A P1 atua somente nas turmas de 3º ano do Ensino Médio.

Por sua vez, a professora 2 (P2) é formada em Letras pela FAINTIVISA- Faculdades Integradas de Vitória de Santo Antão. Ela concluiu o curso no ano de 1991. Ao concluir o curso, a professora não atuava na área, ela fazia parte do segmento comercial. Ela afirma que sempre continuou estudando. Em 2006, ela fez o concurso do estado de Pernambuco e começou a atuar como professora na cidade de Limoeiro, depois foi transferida para a cidade de Glória do Goitá/PE. A professora atua em turmas de 1º ao 3º ano, mas a pesquisa voltou-se a buscar informações sobre o 3º ano.

Para nortear este estudo, foi escolhida, como primeiro subsídio, a pesquisa bibliográfica, à luz de Geraldi (2003), Irlandé (2003), Mendonça (2006), entre outros autores. Em segundo lugar, realizou-se visitas às escolas onde utilizamos entrevistas semiestruturadas, pois este tipo de entrevista permite uma maior interação entre o pesquisador.

Antes da aplicação da entrevista foram apresentados os objetivos da pesquisa e o entrevistado permitiu que fosse realizada a gravação do áudio. Procurou-se criar um clima de confiança e iniciou-se um diálogo. A entrevista semiestruturada permitiu respostas imediatas, dando mais veracidade às informações. Os resultados serão apresentados por meios de

análises, permitindo uma compreensão mais detalhada da prática dos professores em relação à Análise Linguística.

Resultados

Após a explanação do Referencial Teórico que baseou esta pesquisa e o relato dos procedimentos metodológicos utilizados para alcançar os objetivos deste trabalho de conclusão de curso, serão analisados os dados coletados.

Sabe-se que o objetivo geral desta pesquisa é analisar as relações existentes entre as concepções de língua (gem) dos professores do Ensino Médio e a sua prática com a Análise Linguística.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, realizou-se entrevistas semiestruturadas com duas professoras do 3º ano do ensino médio de duas escolas estaduais localizadas no município de Glória do Goitá/PE, com o objetivo de identificar as concepções de língua, linguagem e gramática de cada docente, verificando como elas articulam a teoria à prática, conforme o segundo e terceiro objetivo específico desse trabalho.

Para a realização da entrevista foi seguido um roteiro, porém no decorrer do diálogo foram surgindo outros questionamentos propícios à conversa.

Para descrever as falas das professoras serão usadas as siglas P1 para a Professora 1 e P2 para a Professora 2. As respostas às perguntas serão inseridas em quadros ou serão transcritas no texto corrido. Por meio da entrevista realizada, procurou-se identificar a visão das professoras sobre a definição dos termos “língua”, “linguagem” e “gramática”. Segundo Antunes (2009) as decisões que os professores tomam no dia a dia estão interligadas, tendo como base as concepções que eles têm, mesmo implicitamente.

A entrevista foi iniciada com a seguinte pergunta “Qual é o objetivo de ensinar a Língua Portuguesa?”. Diante desta indagação, elas responderam:

É preparar o aluno para a vida, e também para o ENEM. Trabalhamos com vários tipos de produção textual, mas no 3º ano, a gente foca a redação do ENEM, artigos de opinião, trabalhamos com vários gêneros, mas agora a ênfase é na produção argumentativa. Realizamos atividades que aproximem os alunos das situações de comunicação vivenciadas no dia a dia. Então, temos anualmente o “Café Literário”, o “Piquenique Literário” nas turmas de 1º ano. Trabalhamos a “Doce Literatura” no Café Literário. Eles trabalham teatro, recital, musical. Temos o projeto do Jornal Escolar, com o intuito de melhorar a produção textual dos alunos. A gente socializa as atividades exitosas vivenciadas na escola. (P1)

Bom, acho que é ensinar as regras, com o objetivo de capacitar o indivíduo a se expressar melhor, a se fazer entender, a usar a língua a seu favor, conscientizar o aluno de que o uso adequado da língua é necessário e vai ser preciso, dependendo das escolhas que ele faça. (P2)

Diante das respostas acima, vale relembrar o que afirma Antunes (2003) sobre o objetivo do ensino da Língua Portuguesa. A autora afirma que o objetivo é ampliar a competência comunicativa dos alunos, por meio da fala, escuta, leitura e escrita. Assim, os alunos terão a oportunidade de aprenderem na escola a língua em ação.

Retomando a resposta da P1, observa-se que ela trata como objetivo do ensino da Língua Portuguesa o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos. Ela afirma que prepara o aluno também para a “vida”. Assim, nota-se que os alunos complementam as situações no dia a dia; vivenciam os gêneros textuais orais ou escritos do cotidiano. As atividades são significativas, e assim, eles não deixam de aprender a norma padrão. Afinal, à medida que eles vão produzindo, vão tendo cuidado em empregar, por exemplo, a concordância, a regência. A professora não trabalhou com classificações e nomenclaturas nesses momentos, mas trabalhou a língua em ação, dando oportunidades de reflexão aos seus alunos.

A P2, por sua vez, volta-se para uma competência gramatical. É sabido que qualquer variedade da língua tem sua gramática. Então, não deve haver o preconceito com essas

variedades, visto que são aceitáveis, são construções da língua. Porém, no decorrer da entrevista, quando a P2 fala que ao se ensinar as regras, os alunos vão se expressar melhor, ela se refere às regras da norma culta. Ela fala também do “uso adequado” da língua. Todavia, Antunes (2007) deixa claro que não é somente a norma culta que tem regras, mas todas as variações linguísticas. A língua, assim como a sociedade, é heterogênea e tem usos diversificados. Vale ressaltar que saber as regras da gramática normativa não garante a competência comunicativa do aluno.

Assim, a língua (enquanto atividade interativa) possui outros elementos, além da gramática. Há diferentes tipos de regras, dependendo da variedade linguística, portanto não se pode dar espaço somente a gramática nas aulas de Língua Portuguesa. Ao serem questionadas sobre a concepção de língua e linguagem, responderam:

PROFESSORAS	CONCEPÇÃO DE LÍNGUA	CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM
P1	Língua é parte de um processo comunicativo, que chamamos de linguagem. Ela está inserida numa modalidade de linguagem. É o processo comunicativo. É uma estrutura bem delineada, bem formada ao longo do tempo que diz respeito a um determinado grupo de falantes. É toda forma de comunicação. Eu acho que não existe uma língua certa, uma língua errada; existe uma língua adequada a diversas situações.	Linguagem é a questão da comunicação, a forma de você se comunicar. Linguagem são as diversas formas de expressão, a linguagem coloquial, a linguagem culta.
P2	Língua é referente a países. Cada um tem a sua língua. A gente tem a nossa Língua Portuguesa. Existem os países como França... Língua vai depender da nacionalidade da pessoa. A língua é um conjunto de regras, diz respeito à gramática.	Linguagem é o que a gente usa no cotidiano, o que a gente escolhe para se comunicar, dependendo da capacidade que a gente... não digo nem capacidade, mas dependendo de como a gente foi instruído para falar e de determinado lugar que a gente está, que a gente pode usar uma linguagem diferente e escolher a linguagem. Na sala de aula, a gente usa a linguagem didática; no grupo social mais chegado, familiar, a gente usa uma linguagem mais simples.

Quadro 2. Concepções de Língua e Linguagem. Fonte: Própria, 2017.

De acordo com as respostas das professoras, percebe-se que a P1 sustenta a concepção de língua e linguagem como um processo de interação. Travaglia (2009) afirma que nesta concepção as pessoas são vistas como sujeitos ativos que participam de determinada situação comunicacional, ocupam determinados lugares, falam e agem sobre eles. Um ponto muito importante é que tanto a P1, como a P2, destacam a variação da língua, deixando claro que não há uma única maneira de se expressar e dependendo do lugar, usa-se determinada linguagem.

Por outro lado, a P2 afirma que a língua diz respeito à gramática. Mais uma vez, minimiza a língua a apenas um de seus componentes.

Em relação à gramática, Travaglia (2009) e Antunes (2007) deixam claro que não há somente um sentido para tal termo.

Diante desses estudos viu-se a necessidade de elaborar a 3ª pergunta da entrevista “Qual é a sua concepção de gramática?”. De acordo com a resposta da P1, temos:

Gramática é o estudo dos termos, da funcionalidade da língua. Ela é importante que seja trabalhada, não naquela forma tradicional como a gente trabalhava “gramática pela gramática”, mas eu acho que na questão da produção textual é importante que o aluno tenha esse conhecimento da gramática. (P1)

Diante da fala da P1, observa-se que ela tem uma concepção de gramática, segundo Antunes (2007), como um conjunto de regras que definem o funcionamento de uma língua. Percebe-se que ela não se preocupa com a gramática tradicional que busca trabalhar com frases soltas, mas ela tem uma visão voltada para o texto. A P2, por sua vez afirmou:

Na Gramática tá contido, hum... vamos dizer assim: o código, os registros, as regras gramaticais que a gente tem que estudar a elaborar melhor a nossa linguagem. Ali na Gramática, a gente vai construindo, a partir dos assuntos, a gente vai construindo uma melhor forma de se comunicar, aprendendo as regras, porque sem as regras a gente vai muito no casual. (P2)

Diante da fala da P2, nota-se que ela entende que somente a norma culta tem regras, quando ela afirma: “[...] *porque sem as regras a gente vai muito no casual*”. Porém, Antunes (2007, p.27) aborda: “Ora, toda língua- em qualquer condição de uso- é regulada por uma gramática”. Não pretende-se dizer que a P1 não considera outras variedades, ela deixa claro que dependendo do ambiente, usaremos determinada linguagem. Todavia, ao se falar em gramática, ela direciona às regras da norma culta.

Em relação a 4ª e 5ª pergunta da entrevista, podemos observar no quadro abaixo o andamento:

O QUE É ANÁLISE LINGUÍSTICA?	
P1-	Eu acho que é a forma de você trabalhar a gramática através da análise, então não é mais aquela gramática pela gramática, mas você trabalha dentro da Análise Linguística, você trabalha dentro da produção do texto.
P2-	Análise Linguística está ligada à interpretação de textual, a analisar minuciosamente os termos, os textos; está ligado à gramática, aos significados dos termos dentro do texto, é muito ampla essa área.
QUAL É A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE LINGUÍSTICA?	
P1-	A análise linguística é importante. Houve uma época em que diziam que não é para trabalhar mais a gramática na sala de aula e ficou todo mundo perdido. Então, é importante que os alunos escrevam, analisem dentro do texto deles, o que eles escreveram, a linguagem que eles produziram, o tipo de linguagem utilizada naquele texto. A concordância nominal, a verbal, isso é importante. Agora tem que ser contextualizado, tem que ter um objetivo.
P2-	O texto é trazido para a sala de aula e ajuda o aluno no conhecimento, traz informações sobre o meio ambiente, sobre trabalho, as polêmicas atuais... Estamos no 3º ano e os textos argumentativos tem que ser vistos na sala de aula. O problema é que os livros não são 100%, você tem que usar outros meios. Ele traz o texto argumentativo, mas não é suficiente aquele texto, então trazemos mais textos argumentativos e tentamos usar o contexto daquele assunto, que às vezes é polêmico, porque é exigido no ENEM, e o objetivo maior de trabalhar o texto no 3º ano é utilizar diversos gêneros argumentativos: é o artigo de opinião, a crônica. A crônica sempre traz alguma história interessante, o artigo de opinião também.

Quadro3. 4ª e 5ª pergunta da entrevista e suas respectivas respostas. Fonte: Própria, 2017.

Diante dos enunciados do quadro 2, percebe-se que tanto a P1, quanto a P2, relacionam a AL à gramática. Porém, a P1 deixa claro que não é “a gramática pela gramática”, ou seja, a gramática tradicional que preocupa-se apenas com definições e nomenclaturas. No decorrer da conversa/entrevista, a P1 afirma que já não trabalha mais dessa maneira. Ela articula a gramática à análise, à produção de texto. Durante a conversa ela falou muito sobre a importância de trabalhar a produção de texto, sobretudo o texto argumentativo. Vale ressaltar que não é apenas usar um texto qualquer, para que dele se extraia elementos da gramática,

mas valorizar a produção do aluno. Dessa maneira, há a possibilidade de refletir de forma consciente sobre os fenômenos da língua nos diversos momentos comunicacionais.

Ao ser questionada sobre a importância da AL, a P1 mais uma vez reforça a necessidade de se trabalhar o texto do aluno, valorizando a sua escrita, a linguagem. Ela fala também de trabalhar aspectos da norma padrão, como a concordância nominal, e afirma que deve ter um objetivo.

A P2, por sua vez, relaciona a AL à interpretação de textos. Fala da análise dos termos e também dos significados. Ela afirma: “Eu tento diminuir minhas deficiências, como professora, por meio de pesquisas antes das minhas aulas”. Sobre a importância da AL, ela destaca a presença do texto. Ela mostrou-se ser uma professora pesquisadora, e este fato é de grande importância para o ensino-aprendizagem, pois de acordo com Freire (1996, p. 29): “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”.

Assim, a P2 leva textos de diversos gêneros e temas para a sala de aula, a fim de que os alunos conheçam, pois somente o livro não é suficiente, como a professora afirma. A leitura na sala de aula é de grande importância, pois ajuda o aluno no desenvolvimento da escrita. Por outro lado, sabe-se que a AL não está resumida apenas a aspectos gramaticais e à interpretação de textos.

Considerações Finais

Com essa pesquisa buscou-se encontrar resposta para a seguinte questão: Como os professores organizam o trabalho com a Análise Linguística, articulando a teoria à prática? Diante desse questionamento, vale relembrar o objetivo geral deste trabalho: analisar as relações existentes entre as concepções de língua (gem) dos professores do Ensino Médio e a sua prática com a Análise Linguística.

Para tanto, analisou-se a prática de duas professoras da Rede Estadual em Glória do Goitá. Essas docentes foram selecionadas por serem professoras do 3º ano do Ensino Médio, turma escolhida para o desenvolvimento deste trabalho. Não se pretende com este estudo generalizar a questão da Análise Linguística, mas analisar situações específicas. A prática das professoras foi analisada realizando visitas, bem como por meio de entrevistas semiestruturadas. Observou-se que cada professora trabalha a AL de maneira diferente.

Conclui-se com esse trabalho que apesar de Análise Linguística está sendo estudada desde a década de 1980, ainda é uma metodologia nova, na medida em que está encontrando seu espaço nas aulas de Língua Portuguesa. Percebe-se que há uma mescla de tendências/concepções. A gramática tradicional ainda ganha espaço na sala de aula, porém, não de uma forma total; assim como há a presença de práticas de análise linguística. Ao observarmos a prática das professoras, percebemos pontos em comum, bem como práticas diferenciadas.

A P1 vê como objetivo do ensino da Língua Portuguesa o desenvolvimento da capacidade comunicativa dos alunos. Ela prepara para as provas externas, mas também prepara para a vida e realiza atividades que se aproximem das situações comunicacionais cotidianas dos alunos. A docente traz consigo, uma concepção de língua (gem) como interação. Ela desenvolve um trabalho pautado, sobretudo, na prática de produção textual dos alunos. Ela segue determinadas etapas, por meio de sequências didáticas em que articula os eixos do ensino da Língua Portuguesa. Os alunos passam por todo um processo antes de chegar à produção textual e após o texto pronto, há o processo da reescrita que tem um papel fundamental na Análise Linguística.

Por sua vez, a P2 afirma que o objetivo do ensino da Língua Portuguesa é ensinar as regras para que os alunos se expressem melhor. Assim, ela ajuda os alunos a desenvolverem a competência gramatical. Para a P2, língua diz respeito à gramática. Ela vê as regras somente na norma culta, quando ela fala em regras direciona-se à gramática normativa. Além disso, em muitos momentos, a P2 utiliza o texto (principalmente textos de outros autores) como pretexto para trabalhar a gramática tradicional. Por outro lado, percebe-se que a P2 se esforça para ajudar os seus alunos no cotidiano escolar.

Portanto, as professoras realizaram práticas diferentes em que utilizam a Análise Linguística e estão sempre buscando o desenvolvimento dos seus alunos, de acordo com a realidade deles. São professoras pesquisadoras e não se prendem ao livro didático- LD. Utilizam o LD como um apoio, mas não como um guia que precisa ser seguido à risca.

Enfim, as mudanças estão acontecendo, porém, de forma gradativa. Ainda há muitas dúvidas, por parte de alguns professores. A partir dos resultados obtidos nesse trabalho, refletiu-se que é preciso que o termo análise linguística seja mais vivenciado em formações continuadas, para que os professores minimizem suas inquietações e dúvidas. Assim como, acredita-se serem relevantes outros estudos/pesquisas sobre a análise linguística.

Um ponto que merece destaque é que as professoras utilizam os parâmetros curriculares como subsídio para a prática pedagógica. Esse documento não propõe um trabalho voltado para a gramática normativa, mas busca ajudar os professores para que suas aulas promovam o desenvolvimento de alunos leitores, mas, sobretudo escritores. Os parâmetros propõem a reflexão sobre os usos da língua portuguesa. Portanto, esse documento norteia de uma forma bastante significativa/considerável a prática pedagógica dos professores, pois traz uma concepção inovada e trabalha com vários temas para ajudar o docente.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003;

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007;

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009;

BASTOS, D. M. **Ensino de análise linguística: modos de fazer, modos de pensar de professores do ensino médio**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Pernambuco.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. 56ª ed. Revista e ampliada- São Paulo: Parábola Editorial, 2014;

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação?** São Paulo: Brasiliense, 2007.- (Coleção Primeiros Passos);

CAMILLO, Luciana Cristina Vargas da Cruz. **Concepção de Linguagem e ensino gramatical: a visão do professor**. Estudos Linguísticos XXXVI(2), maio-agosto, 2007. p. 59 / 67. Universidade Estadual de Londrina (UEL);

DUARTE, Álvaro Vinicius de Moraes Barbosa. **Concepções de linguagem e ensino de língua portuguesa: um olhar sobre o trabalho com a análise linguística**. Recife: o autor, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia- Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996;

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, J.W. (org.). **O texto na sala de aula**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2003;

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** 7.ed. São Paulo: Cortez, 2004;

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1999;

MENDONÇA, Márcia. Análise linguística no Ensino Médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Org.). **Português no Ensino Médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006;

MEIRINHOS, M; OSÓRIO, A. **O estudo de caso como estratégia de investigação em educação**. EDUSER: revista de educação, Vol 2(2), 2010;

NASPOLINI, Ana Teresa. **Tijolo por tijolo- Prática de Ensino de Língua Portuguesa**. 1.ed. São Paulo: FTD, 2009;

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VASCONCELOS, Y. L. **Instrumento de coleta de dados com a finalidade de pesquisa**. Disponível em: www.petadm.com.br/moodle/file.php/2/Aula_3.pdf acessado em 02 de maio de 2014.